**CURDOS: BATALHAS, GENOCÍDIOS E UMA LUTA QUE NÃO TEM FIM**

 O povo Curdo é constituído por um agrupamento de famílias que vivem em forma de tribos, sua atividade econômica é baseada no pastoreio e fabricação artesanal de tapetes.

Apesar de possuir características singulares, os Curdos foram reconhecidos somente a partir da década de 1920, por meio do Tratado de Sévres, em 1920, e Lausanne, em 1923, que propunha a instauração de um Estado Curdo nos lugares em que já habitavam.

No entanto, o governo não colocou em prática a determinação de criação de um novo Estado, além disso, os líderes dos territórios onde está localizado o povo curdo reprimiram essa etnia forçadamente, tal repressão impulsionou o surgimento de inúmeras revoltas com confrontos diretos.

Entre 1945 e 1946, houve a existência da República Democrática Curda, essa, em sua restrita existência, se encontrava localizada onde está atualmente o Irã.

Todos os impasses para a consolidação de um Estado autônomo para a nação curda conduziram esse povo a um conflito com os líderes do Iraque e Irã que durou quase uma década, entre 1961 e 1970. O confronto favoreceu o surgimento de acordos que deram autonomia ao povo, embora tais acordos nunca tenham sido executados.

Um conflito que não tem fim

Batalhas, genocídios, grupos terroristas e uma luta constante pela independência são parte da história desta etnia, que tem 27 milhões de despatriados

Em 1919, pouco antes do nascimento oficial do Estado Iraquiano (ainda sob o controle britânico), os curdos estavam a um passo de ter sua nação independente. O xeque Mahmoud Barzanji, o então líder curdo, se autoproclamou rei do Estado Independente Curdo, reclamando a Suleimânia (uma cidade do Curdistão, no Iraque) e áreas adjacentes. Menos de um ano depois, o excército britânico depôs Barzanji. Em 1920, foi assinado na França o Tratado de Sèvres. O texto delimitava as fronteiras do Curdistão e prometia a tão esperada autonomia. Mas isso não foi colocado em prática. Para complicar, em 1923 um novo acordo foi assinado na Suíça entre países participantes da I Guerra Mundial (1914-1919) e da Guerra da Independência da Turquia (1919-1922). O documento não só dividia o Curdistão entre Turquia, Iraque e Síria como também desobrigava o governo turco a garantir a autonomia curda. Em 1925, após a repressão a uma revolta curda, a Liga das Nações decidiu que o mandato britânico na região se estendesse por mais 25 anos. Como em toda a história curda, as coisas não aconteceram como o esperado. “Os ingleses ficaram menos de cinco anos. Quando, em 1930, o Iraque conseguiu sua independência dos britânicos, os curdos se rebelaram novamente”, diz Juan Cole, professor da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos.

As rebeliões aconteceram em várias partes do Curdistão. A ocorrida na Turquia, na região do monte Ararat, foi apoiada pelas forças britânicas no Iraque – onde, em paralelo, vários focos rebeldes explodiram. Muitas das revoltas foram encabeçadas pelo líder nacionalista curdo Mustafá Barzani. Nenhuma lhes deu um país independente, e eles continuam lutando até hoje por isso.

Extermínio em massa

Para entender a obstinação desse povo – a maior etnia sem pátria da atualidade – em ter o Curdistão reconhecido, é preciso voltar a suas raízes. Os curdos sempre habitaram a região que ocupam hoje. Eles são uma etnia nativa das áreas montanhosas ao norte do Iraque e ao sul da Turquia. “As terras que querem ver reconhecidas como suas sempre estiveram em suas mãos”, fala Anna Olson, professora americana da Universidade de Washington. “Essa região, com cerca de 500 mil km2, que atualmente configura o Curdistão, fica em sua maior parte na Turquia, ocupando ainda partes de Iraque, Irã, Síria, Armênia e Azerbaijão. Como a área não é reconhecida como independente, os cerca de 25 a 27 milhões de curdos vivem hoje espalhados por essas seis nações, sem um núcleo oficial.” Em sua maioria, são muçulmanos sunitas, e a língua oficial é o curdo.

A história desse povo começa há cerca de 8 mil anos, na região da antiga Mesopotâmia, onde fica hoje parte de Iraque, Turquia e Síria. Sempre habitando as regiões montanhosas e acostumados ao frio intenso que acompanha a altitude, os curdos da Antigüidade se dividiam em clãs com nomes como gutis, kurti e mushku e viviam em cidades-estado. Com o passar dos séculos, outros povos indo-europeus – como os medas (cujo império, há 2,6 mil anos, englobava boa parte do que hoje é o Curdistão), cíntios, partos, mitanis, cassitas, hititas e guttis, entre outros – se fixaram na região. “Os curdos são, portanto, o produto da miscigenação de todos os povos invasores ou migrantes para a região, incluindo assírios, acádios, armênios, persas, gregos, romanos, bizantinos, árabes, mongóis e turcos”, diz Olso.

Da Antigüidade ao século 20, a mistura de cultura e a falta de unidade e de um país levaram os curdos a intermináveis batalhas, guerras civis e levantes (leia quadro Luta Milenar). Após as revoltas na época da independência do Iraque, na década de 1930, eles tentariam criar seu estado próprio ao fim da II Guerra Mundial. Quando terminou o conflito, as terras curdas no Azerbaijão foram ocupadas por forças soviéticas. Em 1946, os curdos criaram um estado independente na cidade de Mahabad, conhecido como República de Mahabad. Menos de um ano depois, porém, quando os soviéticos partiram, a república viu seu fim com a reanexação da região pelo Irã.

Durante os primeiros anos do regime imposto pelo partido Baath, que assumiu o poder no Iraque em 1968, os curdos viveram em relativa paz. O cenário mudou radicalmente a partir de 1971, quando começaram a entrar em vigor as primeiras medidas de uma campanha anticurda, oficializada em 1986 sob o nome de Anfal, no governo de Saddam Hussein, e que só terminou em 1989. O objetivo era eliminar as aspirações de criar uma nação independente ou mesmo de se organizar como uma etnia de cultura e linguagem próprias. As formas de repressão começavam com a expulsão dos curdos que viviam próximos às fronteiras iraquianas com as da Turquia e do Irã. A prisão com base em acusações de atividades oposicionistas complementava o processo. Os curdos sofreram todo tipo de violência no período. De alvos de armas químicas a destruição de cidades e vilas. Em novembro de 1987, cerca de 600 curdos presos foram mortos pelos iraquianos com o tálio, um metal pesado utilizado em veneno para ratos. Em junho de 1989, mais 2 mil curdos foram envenenados da mesma maneira em Mardim e, em janeiro de 1990, outros 400 morreram na cidade de Diyarbakir.

A repressão aos curdos não foi restrita apenas ao Iraque. Até 1991, eles estavam proibidos de falar o curdo na Turquia. Ali, atualmente, programas de rádio ou TV no idioma são vetados, assim como o aprendizado da língua nas escolas. No Irã e na Síria, o quadro é similar. Na Síria, muitos não conseguem tirar passaporte, votar, registrar seus filhos com nomes curdos, comprar terras ou se casar com sírios.

Entre 15 e 19 de março de 1988, durante a campanha Anfal e em meio à guerra entre Irã e Iraque, os curdos sofreram um dos piores ataques a sua etnia. Em represália às forças iranianas, que haviam fornecido suporte militar aos rebeldes curdos, o Iraque lançou um ataque de armas químicas à cidade curda de Halabja (a cerca de 240 km de Bagdá, no Iraque), na época com cerca de 80 mil habitantes. Liderado por Ali Hassan Al-Majid – mais conhecido como Ali Químico, integrante do governo de Saddam Hussein –, o ataque usou o gás sarin (que ataca o sistema nervoso) e o gás mostarda (que abre feridas quando em contato com a pele). Não há registros precisos sobre as baixas, estimadas em 10 mil.

Realidade atual

Já nos anos 1990, enquanto levantes promovidos por guerrilheiros rebeldes da PKK levavam a Turquia a um estado de guerra civil, os curdos ganharam a proteção dos Estados Unidos no Iraque. Sob o comando de George Bush, o pai, os EUA e as forças aliadas que lutaram contra o Iraque na Guerra do Golfo, em 1990 e 1991, apoiaram uma série de rebeliões e revoltas curdas. Isso estabeleceu uma área segura para a etnia no Iraque com um governo próprio. A questão curda, porém, só ganhou destaque no mundo em 2003, com a invasão do Iraque pelos EUA governados por George W. Bush, o filho. Apesar da oposição ferrenha da Turquia, que negou apoio à independência curda, a delegação da etnia no Comitê Constitucional conseguiu que as províncias curdas se reunissem numa região autônoma, com suas próprias forças armadas, taxas e leis, tornando o curdo a língua nacional, juntamente com o árabe. Os turcos chegaram a negar a abrir caminho para os americanos e seus aliados até o norte do Iraque. Tinham medo de que, com Saddam Husseim deposto, os curdos proclamassem um estado independente.

Hoje, apoiando o programa criado pelos EUA no Iraque, se destacam cerca de 100 mil peshmergas, que lutam para ganhar poder no futuro sistema político que está sendo criado na região, usufruindo da rede de proteção aliada. A situação, contudo, continua delicada, já que os EUA temem que o Iraque se torne uma terra instável, com uma eterna luta entre os vários grupos étnicos. Evitam um apoio explícito ao que continua sendo a meta única dos curdos: criar uma pátria.

É difícil mensurar com exatidão a quantidade de curdos vivendo no mundo hoje pela falta de um censo específico e por causa da miscigenação dos curdos nas várias regiões em que habitam. Os números aproximados são:

• Turquia: 14 milhões  
• Irã: 6 milhões  
• Iraque: 5 milhões  
• Síria: 1 milhão  
• Azerbaijão: 200 mil  
• Líbano: 80 mil  
• Armênia: 75 mil  
• Geórgia: 40 mil

Cronologia:

6 000 a.C.  
Primeiros registros arqueológicos dos povos de quem descendem os curdos, na antiga Mesopotâmia

Século 7 ao 13  
Os curdos são conquistados pelos árabes e suas terras são ocupadas por mongóis, turcos, safávidas e, no século 13, por otomanos

1834  
Os curdos tentam sua independência da Turquia, mas são reprimidos

1919  
O xeque Mahmoud Barzanji se autoproclama rei na Suleimânia, mas é deposto

1920  
Tratado de Sèvres cria as fronteiras do Curdistão, mas é rejeitado e nunca chega a entrar em vigor

1923  
Tratado de Lausanne: Curdistão é dividido entre Turquia, Síria e Iraque

1961  
Revolta de Barzani, que se estende até 1970

1986-1999  
Grande genocídio curdo na campanha anticurdos, batizada de Anfal

1990  
Levantes do PKK, um grupo separatista, ocorrem na Turquia

1991  
Revoltas curdas recebem o apoio dos EUA após a Guerra do Golfo. Mas milhares morrem, e 2 milhões fogem para Turquia e Irã

1995  
35 mil tropas turcas invadem bases da PKK no Iraque

2003  
Invasão americana ao Iraque. Curdos se unem aos EUA e à Inglaterra para derrubar o regime de Saddam Hussein